

POR QUE ECONOMIA?

* Raul Paulo Sarmento

Por que Economia? Muitas vezes essa questão vem à minha mente, principalmente nos primeiros dias de aula quando a faço para os alunos calouros do curso de Ciências Econômicas. E o interessante é que das mais variadas respostas que escuto, nenhuma consegue ser convincente o suficiente para que eu acredite, não que não sejam verdadeiras. Inclui-se as minhas respostas, articuladas e vivenciadas ao longo desses 30 anos desde que me formei Bacharel em Ciências Econômicas muitas vezes me soam de forma estranha. E de fato se pararmos um pouco para raciocinar podemos verificar que esta questão tem uma profundidade e importância maior do que ima-

"Um economista deve ter uma imaginação a toda prova para que possa entender os princípios da Ciência Econômica"

ginamos. E, diga-se de passagem, um economista deve ter uma imaginação a toda prova para que possa entender os princípios básicos da Ciência Econômica.

Lembro que muitas vezes eu me achava o máximo resolvendo questões de Microeconomia, varando noites e madrugadas para satisfazer a vontade suprema e insaciável do Mestre Capela. Ou, me descabelando (foi nesse período que perdi a maior parte dos meus sedosos cabelos) nos exercícios de Macroeconomia do todo poderoso Prof. Marcelino. Ah! Não posso esquecer outros mestres que me atazanaram a existência por longos semestres até que finalmente consegui chegar ao fim "de mais uma etapa de minha existência"...alegria, alegria. Era um economista. Mas, logo percebi que o que viria a seguir se configurava tal e qual o monstro per-

dido de Atlanta... a busca pelo emprego, que graças à conjuntura da época, mesmo em pleno governo militar, não me foi difícil conseguir. (Obs. nem quero pensar se fosse nos dias de hoje quando o fantasma da falta de emprego ronda a sociedade de forma inexorável, apesar da promessa do Governo de criar milhões de pontos de trabalho). Mas, desde lá continuo me perguntando: por que economia? Será que pela grafia da palavra? Será que era moda na época? Os anos foram se passando e quem diria, fui me tornar professor do Curso de Economia do CESEP, hoje UNAMA. Quem sabe agora eu poderia responder a este questionamento que se tor-

**"A economia está
presente em
todos os sentidos
e momentos de
nossa vida"**

nava cada vez mais constante na minha vida? Assim, meu leque de interlocutores nos quais incluí inclusive o padre da minha paróquia que tentou dar um tratamento bíblico à questão mas que também não me convenceu, só fazia aumentar. Dessa forma já não me contentava em fazer esse questionamento apenas para mim: passei a fazê-lo para meus superiores, colegas professores e muito mais para os alunos. Tentei até realizar um Fórum de Debates sobre o assunto, mas não consegui patrocínio e nem colaboradores para atuar como debatedores. Estes, quando sabiam do tema achavam que era muito superficial, apesar de não conseguirem ser convincentes quando questionados sobre o assunto.

Entretanto, não desisti e nas minhas reflexões notur-

nas (e também diurnas), tenho chegado a algumas conclusões (ou no jargão econômico "alguns axiomas") interessantes: todos aprendemos desde cedo que nossas necessidades são impossíveis de serem atendidas na sua totalidade. E sabemos o motivo, senão vejamos: ainda no colo da mãe quantas vezes ao sugarmos o seio materno sentíamos o vazio na nossa boca? E, como resposta ao berreiro insuportável, recebíamos a primeira lição de economia doméstica vindo da nossa mãe-economista: "o leite acabou"! Como acabou se eu continuava com fome? Aquilo acabava? Não era um recurso renovável? Logo aprendi que existiam bens, que dependendo da situação poderiam ser substituídos por outros. Trata-se dos já conhecidos "bens substitutos".

Mais à frente outras lições foram ensinadas, ora pelo pai, pela tia e até pelas namoradas quando as mesmas me deixavam em busca de atender suas necessidades (ou o gosto e a vontade como consumidoras) em outras fontes de recursos mais abundantes. Nesses momentos tive minhas primeiras lições sobre "gosto do consumidor versus nível de renda". Ah, nem quero falar da "lei dos rendimentos decrescentes". Ao não obedecê-la extrapolei a quantidade máxima possível de consumo de uma torta de jaca da Bahia e fui parar no pronto socorro para uma lavagem intestinal, de modo que se restabelecesse o equilíbrio de consumo. Quantas vezes fui obrigado a atender a curva de possibilidade de produção escolhendo entre destinar meus recursos entre um bem e outro? Esta lição era, e ainda é a que mais me preocupa: a famosa renda disponível frente as minhas necessidades de consumo (e aí, muitas vezes incluí as necessidades da namorada, complicando ainda mais o problema da disponibilidade de recursos). E assim, de lição em lição, fui avançando no meu aprendizado de – digamos – "economia doméstica-familiar-cotidiano".

Embora eu ainda não tenha con-

seguido uma conclusão definitiva para o meu questionamento inicial, posso dizer que a economia está presente em todos os sentidos e momentos de nossa vida. O axioma econômico que estabelece que "as necessidades são ilimitadas e os recursos são escassos" torna-se nosso norte de vida desde os primeiros tempos, sem que saibamos interpretá-lo cientificamente. Essa interpretação só virá quando entrarmos no conhecimento da economia como Ciência, ou seja, quando ingressamos no Curso de Economia no qual aprenderemos a tratar das questões que nos permitirão utilizar de forma racional os recursos disponíveis de forma que possamos maximizar nossa satisfação.

Desta forma, mesmo primariamente eu ainda pergunto: Por que Economia? E, primariamente respondendo: porque sem que eu percebesse, já aprendia economia desde os tempos de criança. A Faculdade foi apenas o coroamento dessa aprendizagem que ainda não acabou, pois a evolução da sociedade tem nos princípios econômicos os seus principais pilares, e assim continuará sempre.